

Unidas para enfraquecer o mundo

Martin Wolf

"Chinalemanha", a combinação dos dois maiores exportadores líquidos do mundo

A "Chinalemanha" falou na semana passada e o mundo ouviu. O que disse foi coerente? Não. O que falou teve pretensão de ser dona da verdade? Bastante. O que falou foi perigoso? Sim. Opiniões mais sensatas ainda poderão prevalecer? Duvido.

Vocês podem ter ouvido falar da "Chinamérica" - neologismo inventado por Niall Ferguson, historiador de Harvard, e Moritz Schularick, da Universidade Livre de Berlim, para descrever uma suposta fusão entre as economias da China e Estados Unidos. Também podem ter ouvido falar da "Chíndia", inventada pelo político indiano Jairam Ramesh para descrever um novo gigante asiático combinado. Deixem-me apresentar-lhes a "Chinalemanha", a combinação dos maiores exportadores líquidos do mundo: a China, com superávit em conta corrente estimado em US\$ 291 bilhões neste ano, e a Alemanha, previsão de superávit de US\$ 187 bilhões.

China e Alemanha, é claro, são muito diferentes entre si. Apesar de todas as diferenças, no entanto, esses países compartilham algumas características: são os maiores exportadores de produtos industrializados, com a China, agora, à frente da Alemanha; possuem superávits maciços de poupança em relação ao volume de investimentos; e possuem imensos superávits na balança comercial.

Ambos também acreditam que seus clientes deveriam continuar comprando, mas também deixar de captar empréstimos de forma irresponsável. Uma vez que seus superávits acarretam os déficits dos outros, suas posições são incoerentes. Os países com superávits precisam financiar os deficitários. Se o fardo de dívidas tornar-se pesado demais, os devedores ficarão inadimplentes. Nesse caso, as tão exaltadas "poupanças" dos países superavitários provariam ser ilusórias: o financiamento às vendas torna-se, após o fato, um subsídio aberto às exportações.

Começo a perguntar-me se a economia mundial aberta sobreviverá à crise. A região do euro também pode estar em certo perigo. As intervenções do primeiro-ministro da China, Wen Jiabao, e do ministro das Finanças da Alemanha, Wolfgang Schäuble, na semana passada, iluminam esses perigos com perfeição.

O ponto central do argumento de Schäuble não foi o Fundo Monetário Europeu (FME), que havia sido colocado em discussão, embora sem ter condições, mesmo se fosse aceito e criado, de alterar os desequilíbrios macroeconômicos dentro da região do euro. Suas ideias centrais são: a combinação de ajuda emergencial a países com déficits fiscais excessivos e de penas severas; a suspensão dos direitos a voto de membros com mau comportamento dentro da região do euro; e a permissão de saída dos membros da união monetária, mas com permanência na União Europeia. Subitamente, a região do euro não é tão irrevogável: e foi a Alemanha que disse.

Há três pontos que podem ser extraídos dessa mudança de rota política do país mais poderoso da Europa: primeiro, terá um impacto deflacionário contundente; segundo, é impraticável; e terceiro, pode abrir caminho para a Alemanha sair da região do euro.

A Alemanha está em uma união monetária supostamente irrevogável com alguns de seus principais clientes. Agora, quer que eles se retraiam monetariamente para poder prosperar, em um mundo de demanda agregada cronicamente fraca. Wen tem a mesma ideia. A economia que ele deseja ver seguindo esse caminho, no entanto, é a dos EUA. Até parece!

"O que não entendo é desvalorizar sua própria moeda e tentar pressionar os outros a valorizar, com o objetivo de elevar as exportações. Na minha visão isso é protecionismo", declarou Wen, ao discursar no Congresso Nacional do Povo. O que, me pergunto, o premiê Wen quer dizer com isso, além de informar aos EUA para deixarem a política cambial chinesa em paz? Se o desejo dos EUA por um dólar mais fraco é "protecionismo", então, quão protecionista seria a

determinação da China em manter, a qualquer custo, sua moeda em um patamar baixo. Não há nada evidentemente "protecionista" em pedir a um país com imenso superávit em conta corrente para reduzi-lo, em tempos de baixa demanda mundial. Caso eu tenha entendido corretamente a posição declarada da China, na realidade, o país quer que os EUA se desinchem de modo a ganhar competitividade, via contração monetária e fiscal, e presumivelmente com a queda dos preços domésticos. Isso seria terrível para os EUA. Isso, porém, também seria terrível para a China e o resto do mundo. Mas isso não vai ocorrer. A China certamente sabe disso.

Por trás disso há uma separação básica. Os países superavitários insistem em continuar exatamente como antes. Recusam-se, no entanto, a aceitar que sua dependência em relação aos superávits das exportações pode ricochetear contra eles, quando seus clientes quebram. Se os países superavitários não conseguirem contrabalançar essa mudança, por meio da expansão da demanda agregada, o mundo estará inevitavelmente preso em uma batalha do tipo "empobreça o vizinho": todos buscam desesperadamente empurrar seus excessos de oferta sobre os parceiros comerciais. Essa foi uma grande parte da catástrofe dos anos 30, também.

Nessa batalha, é muito improvável que os países superavitários vençam. O rompimento da região do euro seria muito ruim para a indústria alemã. O protecionismo nos EUA seria muito ruim para China. Aqueles a quem os deuses desejam destruir, eles, primeiro, os deixam loucos. Não é tarde demais para buscar solução cooperativas. Ambos os lados precisam tentar adaptar-se. Esquecer de pretensões moralizadoras. Tentar, em vez disso, usar um pouco de simples senso comum.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 17 mar. 2010, Primeiro Caderno, p. A13.